

Senhoras, senhores, jovens lebonregenses que prestigiam esta noite memorável. Vocês não imaginam o orgulho que tenho eu de estar presente aqui, nesta terra onde nasci, a convite de meu amigo Professor Doutor Nilson César Fraga ancorado ao amigo Carlos Silva.

Meus conterrâneos desta terra querida de Santo Antonio do Trombudo, mais tarde denominada Lebon Régis... Isso, depois do final da Guerra dos Jagunços, para homenagear aquele cidadão que nunca pôs seus delicados pés neste chão. Mas era ele quem ordenava, lá da ilha-capital, os ataques aos caboclos expulsos de suas simples moradias, ajuntados nos redutos, amedrontados, fugitivos, à mercê da sorte que NUNCA os favoreceu!

Eu tive a graça de nascer aqui neste torrão, nas margens do Rio dos Patos, antigo quilômetro trinta e quatro, onde, aos pés de alguma imbuia muito antiga, meu umbigo foi enterrado conforme os costumes.

Nasci nessa pequena cidade, então pouco mais que uma vila, chamada Santo Antônio do Trombudo, então Distrito de Curitibanos. Em julho de 1934 passou a chamar-se Lebon Régis. Em 1958 criou-se o MUNICÍPIO.

Meus pais levaram-me para a escola: o Grupo Escolar Frei Caneca! Ali aprendi as bases de tudo o que consegui assimilar no decorrer de minha vida: direitos, deveres, integridade, dignidade, noções de nobreza, honradez, retidão, probidade, virtude, magnanimidade, altivez, brio, além dos mais diversos saberes para que me tornasse um cidadão de caráter.

Minha infância e adolescência foram moldadas entre as pequenas comunidades do Rio dos Patos, Faxinal de São Pedro, Lebon Régis, Santa Cecília e Curitibanos, terras adubadas com o sangue dos caboclos, aos quais o governo denominava “jagunços” e “fanáticos”.

Fui criado dentro dos paióis de milho, aquecendo as canelas no fogo de chão, marcando-as com os vermelhões de camaradas, nas noites frias desta terra, ouvindo os causos dos fantasmas da guerra, entremeados por anedotas de um povo simples e modesto, fã das aventuras do Pedro Malasartes. O picumã do fogo de chão enfumava os cabelos dos meninos que debulhavam milho com as mãos, antes de dormir sobre os pelegos que se faziam de colchões.

Fui criado galopando “em pelo” no lombo de cavalo, acompanhando o Mauro do Janguinho Ventura, o Gordo e o Gordinho do Nereu Dias, o Graxa, o Tripina, o Calengo, filhos do Orípio, o Nonoi do Cesino e tantos outros que fizeram parte de minha vida. Jogamos futebol no campo do Tiradentes contra o time do Aurélio e do Antonio, filhos do farmacêutico Osner Corrêa, criamos brincadeiras inovadoras para a época. “Voamos” na imaginação.

Posso assegurar, senhoras e senhores, que tenho o maior orgulho de ser Lebon-regense!

Foi aqui nesta cidade, nas salas de aula do antigo Frei Caneca, com seus corredores amplos e escadarias sombrias, com as freiras exigentes comandadas pela Irmã Felícia, que eu aprendi o começo de tudo em minha vida!

Foi aqui, meus conterrâneos, que aos nove anos, eu aprendi o ofício de sapateiro, trabalhando com meu pai Dorival Anjos do Prado. Devo dizer que nunca fiquei mais “magro” por ter começado a trabalhar tão cedo...

Nessa época de infância, senhoras e senhores, eu ouvia de meus avós paternos, seu Pedro Carlin do Prado e dona Gilda, os causos da guerra dos “jagunços”, com fatos relatados pelo casal, os quais “vivenciaram” a história!

Eram fatos que amedrontavam minha cabeça de criança, vivendo dentro de mim cada caso daqueles. Contavam sobre as fugas que as famílias tinham de fazer, ora perseguidos pelos jagunços, ora pelo exército, pois os DOIS lados tinham sua veia de banditismo!

As comunidades não se sentiam seguras e careciam mudar de lugar a cada instante. As vilas não se enraizavam devido às perseguições. Por esse motivo as crianças não tinham acesso nem às escolas, nem às igrejas. E ainda hoje, meus conterrâneos, pagamos o preço dessa falta de escolaridade em nossa região Planaltina. Somos considerados a parte do povo catarinense com o menor nível cultural no Estado de Santa Catarina! Tudo por conta dessa maldita guerra!

Ouvi muito de meus avós sobre os massacres de Taquaruçu, da Taquara Verde, do Butiá Verde, de Santa Maria. Nossa região foi demarcada e adubada com o sangue dos caboclos!

E eu, desde menino, piazote ainda, queria saber o porquê do nome Lebon Régis! E ninguém dava uma resposta que fosse satisfatória... Nem mesmo na escola, pois não havia livros que contassem nossa história! Falar da Guerra dos Jagunços era tabu!

Devo dizer, meus conterrâneos, que sempre achei um nome muito bonito o de nossa cidade: Lebon Régis! Parecia vindo da nobreza, vindo do francês: Le Bon Roi. O bom rei...

Mas naquele tempo não havia respostas, pois não existia nenhuma fonte de pesquisa mais avançada, nada parecido com o Google de hoje... Nossa biblioteca do Frei Caneca não tinha ainda nenhuma enciclopédia, que seria o Google da época!

Mas tenho orgulho de ter nascido nesse pedaço de chão regado pelo sangue do caboclo do Contestado!

Sou nascido nesta terra por onde passavam as tropas de mulas carregadas do produto nativo e crioulo, para ser levado para os maiores centros, nas bruacas de couro cru, encimando o lombo sofrido das mulas de carga, as quais afundavam com seus cascos o caminho das tropas.

Sou da terra onde o sangue do índio nativo misturou-se com o sangue do branco, do negro e do mulato, gerando o caboclo xucro, circunspecto, honrado, mas desconfiado e arredio.

Sou do Caraguatá, da Anta Gorda, do Faxinal de São Pedro, do Rio do Tigre, das Perdizinhas, das Perdizes Grandes, do Canhadão, de São Sebastião do Sul, do Taquaruçu, de Santa Maria que foi cercada pelas tropas federais; sou do Butiá Verde, do Trombudo, da Taquara Verde, onde houve um grande massacre dos rebeldes; sou do Rio dos Patos, do Arroio Doce, da Serra da Esperança, do Timbó Grande, de Santa Cecília, das Canoinhas, que está junto à divisa com o Paraná e foi palco de infames massacres dos caboclos revoltosos depois de se entregarem às autoridades...

Sou nativo desta terra de homens de pouca prosa e de muito amor.

Esta é a terra por onde andarilhou São João Maria, o monge que por onde passava e pernoitava deixava cruzeiros encantados e abençoados, cruzeiros saradores de doentes que a fé ainda hoje cura; ele deixou cruzeiros curadores de almas desgarradas e que, até hoje estão espalhados pelo chão contestado onde ainda agora os povos herdeiros dos caboclos descendentes dos jagunços a respeitam e acreditam em sua força sobrenatural.

Sou caboclo do planalto catarinense, onde jagunços e fazendeiros, inocentes ou culpados, derramaram seu sangue para contestar a invasão dos gringos que vieram extrair nossas imbuías, nossos pinheiros de copa, nossas terras, nossas vidas, nossa dignidade, isso tudo com a desculpa de que estavam construindo uma ferrovia para alavancar o progresso do país. Uma ferrovia que hoje se encontra abandonada, pois seu objetivo principal, confirmou-se, era a extração de nossas florestas...

O povo do tempo de meus avós tinha medo e vergonha de contar os causos de jagunços, pois temiam represálias, mesmo decorridos mais de trinta anos do final da chacina a que chamaram “Guerra dos Fanáticos, dos Jagunços, dos Pelados”...

Nos meus tempos de escola não havia nenhum escrito sobre a Guerra, talvez porque ela sempre foi escondida como a sujeira lançada para debaixo do tapete.

Hoje temos nossa história revelada e avivada como se atíça o braseiro erguendo intensas chamas na memória deste povo guerreiro – graças a este cidadão de outras plagas que aqui se tem feito presente para erguer nosso moral e fazer o resto do país tomar conhecimento deste conflito que tanto sangue fez derramar e no qual milhares de vítimas tiveram suas vidas ceifadas.

Professor Doutor Nilson César Fraga, meu muito obrigado!

Os caboclos foram sendo expulsos de suas terras – aquelas terras dos quais eram donatários por verbal herança de seus antepassados – terras das quais não tinham sequer um documento, pois os índios e os caboclos deles descendentes desconheciam os cartórios. Homens armados chegavam a suas casas intimando-os a sair porque aquelas terras eram da ferrovia! Os estrangeiros tinham papel de posse! E era uma posse concedida pelo governo federal do Brasil! E os documentos desadonavam os posseiros, notificando-os a afastarem-se para além de quinze quilômetros dos trilhos!

E aí de quem não obedecesse! As armas eram para eles apontadas, as mulheres violadas na frente da família, os homens eram humilhados, as crianças eram assustadas! Força, degola e fuzilamento eram os castigos aplicados aos desobedientes! Suas casas eram queimadas e os animais eram mortos sem a menor piedade! O que restava era fugir para longe dos malditos trilhos da ferrovia levando o pouco que conseguissem carregar.

A quantidade de caboclos expulsos chegou aos milhares!

As famílias dispersas de suas terras acabaram agrupando-se numa região inóspita, bem longe dos trilhos da nefasta ferrovia. O lugar foi chamado de Taquaruçu, a poucos quilômetros de Curitiba, sede do município.

Lá estava um monge chamado José Maria, tido como benzedor e curador por meio de ervas. Logo o monge foi elevado a líder dos caboclos, organizando a comunidade. Mais e mais famílias chegavam ao reduto, movidas pelo disse-que-me-disse. Ali não circulava dinheiro. Todos dividiam entre si as poucas posses que levavam consigo. O monge exigia respeito entre os irmãos. A população foi crescendo e crescendo, sempre obedecendo às ordens do monge José Maria. Já havia milhares de caboclos acampados no reduto.

A notícia do aumento da população chegou aos ouvidos do coronel Albuquerque, prefeito de Curitiba. Conta a história que o coronel temia que a sede do município fosse transferida para Taquaruçu, já então com três vezes a quantidade de habitantes de Curitiba!

O coronel Albuquerque era compadre do governador de Santa Catarina. Preocupado com a situação, mandou mais de um telegrama ao governador Vidal Ramos, seu compadre, alertando do perigo de uma invasão dos caboclos, dizendo-os armados e monarquistas perigosos. O prefeito de Curitiba pediu força militar e auxílio do Exército para acabar com o reduto. O governador atendeu às solicitações de seu compadre e acionou as forças militares para acabar com o reduto de Taquaruçu.

O comandante escalado para fazer a limpeza da localidade foi um oficial do Exército chamado “Gustavo Lebon Régis”. Catarinense nascido em Araquari, servia ao batalhão de Florianópolis. Ele analisou mapas e croquis, avaliou o terreno a ser atacado e determinou a expedição de um grupamento de soldados com ordens para exterminar o reduto de caboclos rebeldes, sem NUNCA ter saído de seu gabinete de comando na capital. As tropas partiram de Florianópolis com destino ao planalto serrano.

Olheiros do reduto de Taquaruçu apossaram-se da notícia do provável ataque ao povo caboclo e levaram ao conhecimento do monge. José Maria analisou a situação. Não pretendia, de forma alguma, defrontar seu povo com as forças do exército. Convocou os homens para abandonarem o reduto, deixando apenas as mulheres, os mais velhos e as crianças, pois ao seu ver, as forças do governo não as atacaria. Ledo engano!

José Maria liderou seu grupo rumando para os campos do Irani, onde acabou desencadeando o início da Guerra dos Jagunços!

As forças militares chegaram ao reduto do Taquaruçu e atacaram em dó nem piedade, desconhecendo a desigualdade de poderio militar. Mulheres, velhos e crianças foram chacinados num ataque violento e fatal. Canhões, fuzis e metralhadoras foram acionados contra o reduto do Taquaruçu, aniquilando pessoas, transformando-as num amontoado de cadáveres. Pernas, braços, cabeças, torços, foram arrancados dos corpos dos remanescentes do reduto. Há depoimento de um médico das forças militares, no qual ele descreve a chacina com a emoção incontida, devido ao ataque cruel e desumano com que as guarnições legais ali desprenderam.

E o oficial Gustavo Lebon Régis permanecia em sua confortável cadeira, lá na capital do estado, determinando outras ordens de ataque a diferentes redutos. O povo caboclo foi subjugado. Quem não morreu, ou fugiu ou acabou se entregando ao poderio militar. E muitos dos que se entregaram foram degolados, ganhando uma gravata vermelha que lhes escorria pelo peito... Os cadáveres eram tantos que se tornava impossível o enterro cristão. Foram construídos às pressas valas crematórias em diversas localidades, queimando cadáveres para minimizar o mau cheiro que já exalavam. E os corpos eram incinerados!

A história de Santa Catarina conta “agora” os feitos *bravios* de Gustavo Lebon Régis como homem poderoso do governo. Era secretário de Estado, foi prefeito da capital, deputado constituinte de Santa Catarina, deputado federal, comandante em chefe das forças da União aqui em nosso estado. Por outros historiadores, além destas glórias pessoais, foi ele responsável pelo massacre de camponeses na Campanha do Contestado, onde morreram milhares de caboclos nativos da região... Por mérito

pelos serviços prestados ao estado de Santa Catarina, dá o nome deste município ao assassino de seu povo... Empurrado goela abaixo, como se engole um gato de ré. O homem que deu novo nome à nossa cidade não tinha nada de “Bom rei”, como eu imaginava quando criança...

Ainda assim, depois de tantos anos decorridos desde minha infância, depois de muito ler a respeito de nossa história, sinto o dissabor da melhor definição de “guerra” que eu já tenha lido, dita por Erich Hartmann:

“A guerra é um lugar onde jovens que não se conhecem e não se odeiam se matam entre si por decisão de velhos que se conhecem, se odeiam, mas não se matam”.

Permito-me fazer um pedido, senhoras, senhores, jovens que aqui se fazem presentes: Um pedido, meus conterrâneos queridos, para que não deixem que nossa história seja esquecida. Contem-na aos que aqui hoje não compareceram. Exponham nossa história aos seus filhos e amigos. Narrem nossa história aos seus descendentes para que eles saibam dar valor a esse chão que foi banhado com o sangue de nossos antepassados.

Não tenham vergonha de dizer “eu sou um caboclo do Contestado!”

Lebon Régis, 21 de agosto de 2018.